

**REFLEXÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE OBSERVAÇÃO:  
LINGUAGEM CIENTÍFICA E SUBJETIVIDADE EM QUESTÃO**

Carla da Silva Santana  
Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP  
Mestre em Educação pela UNIMEP  
Docente do curso de Terapia Ocupacional da  
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP  
[carla.santana@fmrp.usp.br](mailto:carla.santana@fmrp.usp.br)

**Resumo:** O presente artigo aborda a elaboração de relatórios de observação no âmbito da prática acadêmica, este se refere à construção da linguagem científica tendo como centro da discussão o contraponto entre a objetividade e a subjetividade daquele que infere seu olhar crítico sobre o mundo. O estudo considera ainda que esta tarefa de observar e relatar pressupõe ritos de passagem, tais como olhar para o outro, narrar o outro, escrever sobre o outro, ser lido a partir da leitura e narrativa do outro. Trata-se de um estudo teórico que tem a abordagem fenomenológica como possibilidade de reflexão.

**Palavras-Chaves:** Linguagem Científica. Elaboração de Relatórios. Subjetividade e Objetividade.

**Abstract:** The present article approaches the elaboration of observation reports in the extent of the academic practice, this refers to the construction of the scientific language tends as center of the discussion the counterpoint between the objectivity and the subjectivity of that infers his critical vision on the world. The study considers although this task of to observe and to tell presupposes rites of passage, such as looking for the other, to narrate the other, to write on the other, to be read starting from the reading and narrative of the other. It is treated of a theoretical study that has the approach phenomenological as reflection possibility.

**Keywords:** Scientific language. Elaboration of Reports. Subjectivity and Objectivity.

## **Introdução**

A elaboração de um relatório científico, quer seja de observação, quer vise relatar uma atividade desenvolvida, é sempre uma experiência paradoxal. Primeiro porque nem sempre conseguimos relatar a experiência vivida de forma que a escrita seja fiel ao pensamento. Segundo porque nem sempre estamos em consonância com o desejo do outro com o qual tentamos estabelecer uma relação dialógica, em geral o professor, orientador, ou mesmo uma agência de fomento à pesquisa. A intenção deste artigo é discutir alguns conceitos básicos sobre a observação, objetividade e subjetividade daquele que se expressa, de forma que possa nos orientar na elaboração de relatórios de atividades. Em primeira instância, este escrito tem em si a característica da tensão, que começa com a necessidade de se elaborar relatórios objetivos, de linguagem clara, precisa e sem ambigüidade na tarefa de observação, e ao mesmo tempo se torna refém da do reconhecimento da importância de podermos refletir

acerca do outro ao qual dirigimos o nosso olhar observador que traduz em si mesmo a subjetividade inerente ao pesquisador. É neste universo paradoxal da linguagem científica que a questão da objetividade e subjetividade aflora. Contudo, se a colheita nos permitir flores e quiçá, bons frutos, vamos à sementeira.

### **Sobre a tarefa de observar**

Observar significa buscar informações por meio do olhar. Um olhar aberto à busca de dados, atento. Um olhar investigativo. Um olhar que se permita impregnar com a experiência do outro (e de nós mesmos, neste íterim). É claro que não é sempre que estamos atentos ao que ocorre com o outro, não é sempre que nos deixamos impressionar com os fenômenos que ocorrem cotidianamente. De qualquer forma, observar nos remete a idéia de que o fenômeno ocorre sob o nosso olhar, assim, pressupõe uma comutação de tempos e lugares.

É comum nos colocarmos em oposição ao nosso próprio olhar. Questionamo-nos se seremos capazes de relatar, quanto mais compreender, no sentido mais restrito que seja, aquilo que vemos e ouvimos, ao menos alguma coisa do que estes sujeitos tentam dizer em suas ações.

Se a experiência da observação é atravessada pela observação do outro, será que basta apenas abrir os olhos? Bosi<sup>[ii]</sup> traz a idéia básica da teoria de Epicuro e Lucrécio<sup>[iii]</sup> acerca do olhar que diz “para conhecer basta abrir bem os olhos em um espaço iluminado e acolher os levíssimos e agílimos ícones do mundo.” Que espaço iluminado seria este? Talvez estivesse falando que ‘espaço iluminado’ fosse aquele repleto de transparência, translúcido, capaz de enxergar o outro desprovido de preconceitos, de pressa, de segundas intenções.

Talvez isso fosse possível numa tentativa de olhar ao menos esvaziado, e assim ser capaz de inundarmos com as histórias destes sujeitos. Mas a nossa percepção não é nunca vazia, por mais que tentemos seria impossível abandonar os velhos conceitos e hipóteses. Há fruição de vida em tudo isso. Em nós observadores, no sujeito observado o qual tentamos suprimir a sua objectualidade para conseguir nos aproximar de uma dimensão mais humana deste (tarefa esta ousadíssima, principalmente porque o ambiente acadêmico cruelmente tende a esvaziar a humanidade dos sujeitos). Seria preciso esvaziar e reprogramar o olhar, tirar as lentes antigas e enxergar apenas com os olhos, sem lentes nem de aproximação nem de afastamento.

Bosi revela que “esse novo olhar é o que, desde sempre exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual o sujeito entretém uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é o mais prenhe de significações.”<sup>[iiii]</sup>

Segundo Santana<sup>[iv]</sup>, olhar para o sujeito que se revela é também se deparar com os nossos medos, com as nossas verdades e mentiras tão bem guardadas e num espelho refletido aprender nessa relação de co-educação. Tantas vezes nos deparamos com experiências observadas tão semelhantes às nossas. Nessa condição de aprendiz, vamos aprendendo que naqueles momentos de observação, de convivência, de estar com, aprendemos principalmente a olhar além de nós mesmos. O conhecimento é também produzido na experiência do conviver, do recontar, do recordar.

Os relatórios que realizamos podem referir-se a uma visita feita, a uma aula prática, a um atendimento clínico, a participação num evento, ou a um trabalho feito ou mesmo uma intervenção terapêutica. Independente da tarefa que seja, esta passa pela experiência de observar. E alguns dilemas se impõem ao longo desta tarefa da observação. Um deles é a questão da subjetividade e objetividade daquele que olha e conta o outro. Inicialmente, é importante pensar que um relatório de observação necessita traduzir com objetividade (tão importante e venerada no seio do pensamento científico) o fenômeno ocorrido. Até para que se

permita ao leitor, uma outra possibilidade de compreensão acerca do fato. É preciso lembrar-se que muitas vezes, o observador é a única testemunha do ocorrido e ele tem o compromisso de ser verdadeiro no relato do fato. “... Sem a objetividade não teríamos bases sólidas para estudar um fenômeno; estaríamos estudando apenas a opinião das pessoas que supostamente estão “descrevendo” o fenômeno.”<sup>[vi]</sup> Segundo as autoras, a observação científica tem a característica de ser sistemática, pelo fato de ser conduzida e planejada em função de um objetivo anteriormente definido. As observações científicas são realizadas em condições explicitamente especificadas. Especificações tais como onde (local), quando, quem (sujeitos a serem observados), o que, como (técnica e registro da observação).

A outra questão se refere à linguagem utilizada nesta tarefa de contar o outro, àquele ao qual dirigimos o nosso olhar (agora investigativo), e o inscrevemos em nossas questões. E este exercício dialógico é sempre permeado de tensão. Pois esta dinâmica de inscrever o outro em nosso universo de questões, exige a tarefa de não reduzi-lo em sua objectualidade a fim de que se possa ouvir a sua voz. O primeiro convite está na direção de se pensar o outro em situação de sujeito-pesquisado/observado. O outro aqui, a priori, é o interlocutor do pesquisador. É aquele a quem ele se dirige em situação de campo (e este pode ser o mais diverso possível) e de quem ele fala em seu texto.

Amorim<sup>[vi]</sup> nos chama à atenção para o fato de que do outro lado, “há um sujeito que fala e produz... Não há escrita criadora sem alteridade entre autor e locutor. Trata-se da distinção fundamental entre aquele que escreve e aquele que está escrito”. É importante pensar nesta questão, porque em geral, ao desenvolvermos um relatório de observação pensamos no outro, como o sujeito a quem nos dirigimos, e este no caso muitas vezes é referido ao professor, orientador. Ele também é importante, pois nesta tarefa de elaboração do relatório de observação é com ele que compartilhamos a experiência vivida. Mas penso ser relevante pensar na tríade observador/sujeito-observado/leitor. Em princípio, a experiência da observação é atravessada pelo olhar de quem vê o outro, e para aquele que acolhe a experiência relatada. Fica aqui sempre o convite de Bakhtin, de tentar estabelecer uma relação dialógica com ambos e que todos possam aprender nessa comutação de tempos e lugares.

### **Sobre a linguagem científica**

Segundo Demo<sup>[vii]</sup>, o diálogo é fala contrária, entre atores que se encontram e se defrontam. Não se restringe a conversa mas é sobretudo comunicação, com todos os seus riscos e desafios. “Pesquisar assim, é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si e de si para o outro.” Mas nem sempre no contexto da pesquisa há a possibilidade de encontro com este outro. Muitas vezes não há diálogos com o outro, mas monólogos, onde a pessoa do pesquisador infere o seu olhar analítico, crítico, classificatório e reducionista ao seu outro, agora tornado objeto de estudo. Às vezes não há comunicação com o sujeito colaborador; mas do pesquisador com os seus pares, com a comunidade científica. Daí o surgimento deste embate entre linguagem científica como narrativa sobre o outro, muitas vezes suprimidos em sua singularidade ou desaparecidos frente às teorias e metodologias mais variadas possível.

Socializar a sua visão de mundo, ou comunicar por ‘qual janela se olha o mundo’ implica em estabelecer uma relação dialógica com os seus pares por meio do discurso científico. Daí vale recorrer às considerações de Granger<sup>[viii]</sup> na caracterização fundamental do trabalho científico inferir na progressiva estruturação da linguagem científica, que para ele significa, a progressiva eliminação do vivido, evidentemente do vivido enquanto representado na linguagem não científica. Tal estruturação busca eliminar (ou diminuir ao máximo) a relação entre o sujeito produtor desse enunciado e o enunciado. Aliás, para o autor os enunciados científicos não são

atribuíveis a indivíduos. Falamos tradicionalmente da descoberta de Fulano ou Beltrano, mas certamente, a credibilidade dos enunciados científicos não tem nada - ou tem muito pouco - a ver com indivíduos aos quais são atribuídos. Um dos critérios fundamentais para distinguir enunciados científicos de enunciados não-científicos é que o sistema de produção dos enunciados científicos não está ligado à subjetividade. O que não significa obviamente que não haja sujeitos - e subjetividade, portanto no fazer científico. Interessante é que em qualquer instância do fazer científico há trabalho de sujeitos, até mesmo no trabalho de eliminação da subjetividade.

A linguagem objetiva buscar eliminar todas as impressões pessoais e subjetivas que o observador possa ter, ou interpretações que ele possa buscar acerca dos fatos, para o relato do fenômeno, é preciso que a linguagem seja objetiva, e no entanto, é preciso resgatar os aspectos subjetivos que nos unem e nos identificam com os fenômenos/pessoas/lugares observados, nas "impressões do observador" item este comum, e diria obrigatório, da maior parte dos relatórios de observação. É preciso rever a questão da "eliminação das impressões pessoais" embutidas num texto científico, pois a própria elaboração deste texto, traduz a inscrição do autor num referencial teórico-metodológico, o qual não podemos deixar de acreditar que não haja substrato desta relação com as idéias, opções políticas das quais o autor comunga.

Segundo André<sup>[ix]</sup>, como o pesquisador trata-se de um ser humano, da mesma natureza do seu objeto, as observações e análises vão ser filtradas pelos seus pontos de vista filosóficos, políticos, ideológicos. E não poderia ser diferente. Quando começa um trabalho de pesquisa (pensar a observação como um dos instrumentos de coleta de dados), o pesquisador não pode deixar de lado os seus valores, as suas crenças e os seus princípios. Por outro lado, Deslandes & Assis<sup>[x]</sup> consideram que mesmo admitindo como Dilthey, que o homem não é estranho ao outro homem - condição esta que nos habilita à interpretação -, não poderia ingenuamente crer que essa condição universal é suficiente, pois o outro também é um território desconhecido, seja por possuir distintivos que socialmente nos separam (de *status*, de classe, de etnia, de formação cultural e profissional, de capital simbólico), seja pela impossibilidade de próprio projeto de uma suposta transferência psíquica.

O olhar sobre os dados observados, segundo Critelli<sup>[xii]</sup>, não pode ser compreendido como um olhar individual, mesmo que se trate do ver de certo indivíduo. O que compõe o olhar individual já é, ontologicamente, a coexistência, ou seja, a pluralidade. Para a autora, a fenomenologia tem várias maneiras de permitir, concreta e operacionalmente, a aproximação e a interpretação do real. A analítica do sentido não é tão somente uma articulação metodológica de aproximação e interpretação do real, mas uma via que se abre para se pensar o próprio existir e ser-no-mundo em sua historicidade. O que a compõe é mais uma orientação referente aos paradigmas que constituem o olhar que vê a manifestação do buscado. Segundo a autora, a interpretação do real não é uma façanha lógico-conceitual, mas uma possibilidade de compreensão. O olhar fenomenológico só empreende desvelamento. Desvelamentos cuja paragem é o inaudito, que exige daquele que olha a coragem da aventura.

A preocupação deste texto é oferecer aspectos mínimos a serem pensados na elaboração de relatórios de atividades no âmbito da prática acadêmica, em especial quando se trata de relatórios de observação que tenham pessoas como sujeitos de pesquisa. A intenção é apelar ao leitor para as questões que permeiam a linguagem científica objetiva e com tendência à eliminação do humano, a objetivação dos dados em detrimento à subjetivação do sujeito do qual fala o relato de observação. É preciso ter em mente que a universalidade da comunicação científica só aponta clareza e objetivação para os chamados "iniciados" ou "alfabetizados cientificamente" naquele dialeto e longe de ser clara para quem a lê. Neste ínterim, é aceitável a dificuldade de leitura de um relatório de observação no tocante à dificuldade de comunicação entre observador e leitor, no caso, o professor. Pois a iniciação do aluno no mundo da ciência, como alguém que infere seu olhar crítico sobre o mundo, pressupõe ritos de passagem, tais

como olhar para o outro, narrar o outro, escrever sobre o outro, ser lido a partir da leitura e narrativa do outro.

## Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ANDRE, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. et.al. *O olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988. p. 65-87.

\_\_\_\_\_. O tempo e os tempos In: Novaes, A., (org). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992. p. 19-32.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 1996.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. *Ensinando observação: uma introdução*. 4ª. Ed., São Paulo: EDICON, 1999.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 8ª. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

DESLANDES, S. F. ; ASSIS, S. G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S. (org.) *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

SANTANA, C. S. Girando o caleidoscópio: a formação de novas imagens no trabalho de olhar para os dados da pesquisa qualitativa. *Revista de Ciências Humanas da UFSC*, Florianópolis, EDUFSC. N. 36. p.407-423, out 2004.

---

<sup>[i]</sup> 1988, p. 67.

<sup>[ii]</sup> Lucrécio, *De reum natura*, Paris, Les belles lettres, 1960.

<sup>[iii]</sup> 1988, p.77.

<sup>[iv]</sup> 2005.

<sup>[v]</sup> DANNA; MATOS, 1983, p. 30.

<sup>[vi]</sup> 2001.

<sup>[vii]</sup> 2001, p. 39.

<sup>[viii]</sup> 1960 *apud* Possenti (1997, p.14).

<sup>[ix]</sup> 1995, p. 51.

<sup>[x]</sup> 2002.

<sup>[xi]</sup> 1996, p.106.